

EPISTEMOLOGIA TRAVESTI: UMA ETNOGRAFIA ON-LINE DE ALESSANDRA**TEIXEIRA PRIMO****TRAVESTI EPISTEMOLOGY: AN ONLINE ETHNOGRAPHY BY ALESSANDRA TEIXEIRA PRIMO****EPISTEMOLOGÍA TRAVESTI: UNA ETNOGRAFÍA EN LÍNEA DE ALESSANDRA TEIXEIRA PRIMO****Fabio Coradini**Mestre em Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0002-8134-5523> ; fabiocoradinic@gmail.com**Edmea Santos**Doutora em Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0003-4978-9818> ; edmeabaiana@gmail.com**RESUMO**

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de Mestrado conduzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob a orientação da Professora Doutora Edméa Oliveira dos Santos, líder do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. O objetivo da pesquisa foi compreender como mulheres trans/travestis construíam suas epistemologias e autorias no Instagram. Para a condução da investigação, adotou-se a etnografia *on-line* como metodologia, visando acompanhar e compreender as dinâmicas de produção de conhecimento e formação no cotidiano das praticantes culturais no Instagram. Durante aproximadamente um ano, foram etnografadas quatro pesquisadoras trans/travestis, buscando-se compreender de que maneira os dispositivos de formação forjados por essas mulheres eram praticados na rede social. Para tanto, neste artigo, será apresentada a etnografia *on-line* de Alessandra Teixeira Primo, Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao observar a praticante, buscou-se compreender e registrar o seu processo de transição de gênero, assim como a sua autoria e os usos dos dispositivos no digital. Nesse processo, a professora adotou estratégias comunicacionais que incluem a produção de conteúdos educativos, a reconfiguração de sua imagem pública e a construção de um discurso que dialoga com diferentes públicos. Portanto, o estudo pretende também provocar reflexões críticas, incentivando o reconhecimento da inclusão dessas pesquisadoras como um direito fundamental e um passo indispensável para a democratização do conhecimento na ciência.

Palavras-chave: epistemologia trans/travesti; cibercultura; etnografia *on-line*; LGBTQIA+; Alessandra Teixeira Primo.

ABSTRACT

This article presents the results of a Master's research conducted within the Graduate Program in Education, Contemporary Contexts, and Popular Demands at the Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, under the supervision of Professor Dr. Edméa Oliveira dos Santos, leader of the Research Group on Teaching and Cyberculture. The research aimed to understand how trans women and travestis construct their epistemologies and authorship on Instagram. To conduct the investigation, online ethnography was adopted as a methodology to monitor and understand the dynamics of knowledge production and educational practices in the daily lives of cultural practitioners on Instagram. Over approximately one year, four trans/travesti researchers were ethnographically studied to understand how the educational devices forged by these women were practiced on the social network. Thus, this article presents the online ethnography of Alessandra Teixeira Primo, Professor Dr. at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul. By observing the practitioner, the study aimed to understand and document her gender transition process, as well as her authorship and the use of digital devices. In this process, the professor adopted

communication strategies that include the production of educational content, the reconfiguration of her public image, and the construction of a discourse that engages with different audiences. Therefore, this study aims to provoke critical reflections, encouraging the recognition of these researchers' inclusion as a fundamental right and an essential step toward democratizing knowledge in science.

Keywords: trans/travesti epistemology; cyberculture; online ethnography; LGBTQIA+; Alessandra Teixeira Primo.

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de una investigación de maestría realizada en el marco del Programa de Posgrado en Educación, Contextos Contemporáneos y Demandas Populares de la Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, bajo la supervisión de la Profesora Doctora Edméa Oliveira dos Santos, líder del Grupo de Investigación Docencia y Cibercultura. La investigación tuvo como objetivo comprender cómo las mujeres trans y travestis construyen sus epistemologías y autorías en Instagram. Para llevar a cabo la investigación, se adoptó la etnografía en línea como metodología, con el propósito de seguir y comprender las dinámicas de producción de conocimiento y formación en la vida cotidiana de las practicantes culturales en Instagram. Durante aproximadamente un año, se realizó un estudio etnográfico de cuatro investigadoras trans/travestis, con el fin de comprender cómo se practicaban en la red social los dispositivos de formación creados por estas mujeres. Así, en este artículo se presenta la etnografía en línea de Alessandra Teixeira Primo, Profesora Doctora de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A través de la observación de la practicante, se buscó comprender y registrar su proceso de transición de género, así como su autoría y el uso de dispositivos en el entorno digital. En este proceso, la profesora adoptó estrategias comunicacionales que incluyen la producción de contenidos educativos, la reconfiguración de su imagen pública y la construcción de un discurso que dialoga con diferentes públicos. Por lo tanto, este estudio busca generar reflexiones críticas, alentando el reconocimiento de la inclusión de estas investigadoras como un derecho fundamental y un paso esencial para la democratización del conocimiento en la ciencia.

Palabras clave: epistemología trans/travesti; cibercultura; etnografía en línea; LGBTQIA+; Alessandra Teixeira Primo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de um dilema de existência desenvolvido em uma pesquisa de Mestrado¹ no contexto da pandemia de covid-19, momento em que os corpos físicos habitam a internet na sua máxima potência, produzindo conhecimento e se organizando em uma enorme pluralidade de dispositivos, possibilitando criar as mais variadas formas de contato. Nesse momento, compreendemos o que é viver na cibercultura, a cultura contemporânea do nosso tempo, mediada pelo digital em rede e articulada na relação cidade-ciberespaço (Santos, 2014, 2019).

Nesse contexto sociotécnico, observou-se que intelectuais trans/travestis se mobilizavam ativamente nas redes sociais, especificamente no Instagram, produzindo conhecimento e autorias de vida e formação. Esse fenômeno, caracterizado pela criação

¹ Repositório de Múltiplos Acervos da UFRRJ - Dissertação Currículo Ciberqueer: autorias LGBTQIA+ na cibercultura. Disponível em: <https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13135>.

de autorias formativas e elaboração de saberes trans, foi denominado como a “emergência das epistemologias e autorias trans/travestis na rede”. A partir dessa perspectiva, o Instagram emergiu como espaço estratégico para a construção e difusão de conhecimentos que desafiam as normativas tradicionais, estabelecendo novas formas de praticar ciência.

Para Coradini e Santos (2024, p. 4), essas mulheres, cientistas, professoras, intelectuais, estavam habitando a rede com autoria epistemológica, afirmando e demarcando seu lugar na ciência, formando-se e formando os outros e articulando uma ecologia de saberes multirreferenciais, éticos, estéticos e políticos. Nesse sentido, compreendeu-se que, além da imersão, era necessário produzir metodologicamente um processo etnográfico, fundamentado em uma posição de aliados. Nesta pesquisa foram etnografadas quatro importantes cientistas trans/travestis, a saber: [Professora Dra. Joyce Alves da Silva](#), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); [Professora Dra. Alessandra Teixeira Primo](#), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); [Professora Mestra Sara Wagner York](#)² da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); e a ativista e atual Presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), Bruna Benevides. Neste trabalho, porém, iremos focar a Professora Dra. Alessandra Teixeira Primo.

A escrita das histórias LGBTQI+ não se dá no singular, mas no plural, pois suas narrativas são múltiplas, atravessadas por contextos históricos, culturais e sociais distintos (Quinalha, 2022). Nesse sentido, a escolha de onde e quando iniciar essas histórias não é meramente cronológica, mas uma decisão política e epistemológica. Etnografar e narrar experiências trans não se restringe ao ato de registrar trajetórias individuais; trata-se de um enfrentamento ativo aos silenciamentos históricos e às normas cis-heteronormativas que tentam apagar essas existências. A diversidade dessas histórias não apenas evidencia percursos distintos, mas também revela a complexidade das interseções entre gênero, sexualidade, raça, classe, território e outros marcadores sociais.

As vivências trans se constroem em meio a deslocamentos, rupturas e processos

² Veja a etnografia de Sara Wagner York no artigo publicado em 2024: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reveducacao/article/view/12825>

contínuos de resistência e reinvenção. Como afirmam Clarisse Mack da Silva Campos e Sara Wagner York, “existimos e resistimos e existimos porque resistimos. É sob essa lógica que a travestilidade é necessariamente potência e resistência” (2024). No Brasil, país que lidera mundialmente os índices de assassinatos dessa população há mais de 15 anos, sobreviver como pessoas trans não é uma escolha, mas uma imposição da luta cotidiana. Viver, nesse contexto, transcende a existência individual e se configura como um ato radical de resistência epistemológica ou, mais precisamente, transepistemológica.

Nesse sentido, a travestilidade e outras identidades dissidentes são marcadas por uma constante tentativa de apagamento social e simbólico, operada tanto pela violência material quanto pela negação epistemológica. Entretanto, como destacam Clarisse Mack da Silva Campos e Sara Wagner York (2024), a resistência trans/travesti não apenas confronta essa lógica excludente, mas também reconfigura as próprias fronteiras do possível, reivindicando a vida como um ato político e epistemológico. Segundo o pensamento de Spivak (2014), nesse contexto corpos trans/travestis sofrem com um processo de silenciamento, o que resulta no apagamento e na inviabilização epistemológica dos saberes compreendidos socialmente como subalternos.

Para Butler (2021), esse silenciamento dialoga com o processo de abjeção. De acordo com Kristeva (1982), o abjeto designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente “Outro”. Ainda segundo Kristeva (1982), é através dessa expulsão que o estranho se estabelece. Butler (2021, p. 230) afirma que a construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito.

A abjeção para corpos trans/travestis é contínua, cíclica e violenta. Neon Cunha (2024) nos oferece a oportunidade de refletir sobre o conceito de abjeção na prática, compreendendo-a a partir das experiências de pessoas trans, que diariamente são reduzidas a um único rótulo, desvinculando suas complexidades e subjetividades. Essa reflexão, extraída de um vídeo da intelectual, possibilita ao leitor reconhecer a necessidade de ampliar o alcance dos debates contemporâneos que, embora fundamentais, muitas vezes não são experienciados diretamente por determinados grupos sociais. A escuta ativa de narrativas trans é essencial para a construção de um conhecimento plural e crítico, permitindo que as próprias pessoas trans protagonizem as

discussões sobre suas vivências, direitos e desafios.



A coisa mais ofensiva é quando alguém diz pra mim “a trans”, eu falo “oi”? Eu já sei o que ela faz naquele momento, ela me arranca a humanidade, porque eu não sou sujeita de direito a ocupar o espaço de igualdade, ou seja, ela não é mulher, ela é trans. Eu adoro ler os textos das intelectuais, quando elas começam: as trans... e eu entendo que elas realmente ainda não me viram como sujeita com direito a humanidade, a minha exceção me põe no lugar de menos humana, a minha precarização que me gera extrema vulnerabilidade é, de fato, porque eu não sou humana, porque eu só sou uma condição. Eu não pedi para ser travesti ou transexual. Eu pedi pra ser e ser reconhecida, respeitada, validada, pela mulher que eu sou. Eu não quero que uma condição, seja maior que a minha totalidade, e a minha totalidade se fecha na minha mulheridade, mas aí alguém diz “a trans”, então só, somente “a trans”. (Transcrição literal da fala de Neon Cunha em 4 de janeiro de 2024, disponível na página do Instagram do FONATRANS.)

Erika Hilton (2024), em entrevista à TV Senado no Dia da Visibilidade Trans, em 29 de janeiro de 2024, ressalta que a transexualidade e a travestilidade continuam sendo associadas a estereótipos negativos, frequentemente vinculados à marginalidade e ao trabalho sexual. Essa construção social estigmatizante reflete um histórico de exclusão e violência institucionalizada contra pessoas trans e travestis no Brasil. Em síntese, pode-se compreender que a transexualidade e a travestilidade estão sujeitas a um processo que Sara Wagner York (2020) conceitua como transepistemicídio, ou seja, a redução à morte dos saberes e conhecimentos a partir da dominação político-ideológica.

O conhecimento não é intrinsecamente vinculado à permanência física de um indivíduo, mas à capacidade de transmissão e perpetuação de suas ideias, experiências e saberes. Quando um corpo morre, a extinção do conhecimento associado a ele não é inevitável, desde que haja mecanismos de preservação, como registros escritos, oralidade, memória coletiva, práticas culturais e etnografias. No contexto das epistemologias trans, a perpetuação do saber precisa ser preservada, assegurando que contribuições fundamentais não sejam apagadas, mas, ao contrário, incorporadas ao patrimônio intelectual e social das gerações futuras.

Cabe destacar que todas as cientistas trans e travestis mencionadas neste texto serão apresentadas com seus nomes completos, mesmo que tal ato se oponha às

normatizações da ABNT. Essa escolha constitui uma aliança e um ato político que buscam subverter as convenções acadêmicas de maneira legítima, promovendo a visibilidade e o reconhecimento dessas pesquisadoras, conforme destaca a pesquisadora trans/travesti Viviane Vergueiro (2015), denominando esse processo como a reviravolta epistemológica e a “sabotagem epistêmica”.

Portanto, o artigo encontra-se estruturado em quatro seções: na introdução, será apresentado o dilema da pesquisa; na segunda seção, dialogamos sobre os processos metodológicos, as escolhas e proposições; na terceira, será apresentada a etnografia *on-line* com os registros das imersões realizadas no Instagram da Professora Dra. Alessandra Teixeira Primo; e na quarta, considerações finais, dialogaremos com o leitor sobre a importância e relevância deste trabalho.

ETNOGRAFIA ON-LINE NO INSTRAGRAM: AUTORIAS NO CIBERESPAÇO

Nos últimos 20 anos, o Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), liderado pela Professora Dra. Edméa Oliveira dos Santos, é pioneiro nos estudos da educação na cibercultura no Brasil. Em um recente livro, lançado pela Professora Dra. Mirian Maia do Amaral, intitulado *A ciberpesquisa em educação: autorias e inspirações teórico-metodológicas do GPDOC*, a pesquisadora destaca o protagonismo do grupo à frente de trabalhos inovadores e inéditos na educação.

Santos (2024, p. 15) destaca que historicamente o GPDOC vem criando e atualizando a sua obra em dois recursivos movimentos:

- Compreender fenômenos da cibercultura, ou seja, fazemos imersões no universo dos praticantes culturais do nosso tempo.
- Criar, mediar, avaliar currículos e pesquisas na cibercultura, na medida em que materializamos a educação *on-line* como fenômeno da cibercultura.

Tendo como metodologia a pesquisa-formação na cibercultura, os pesquisadores GPDOC desenvolvem trabalhos que articulam ensino, pesquisa e o digital, integrando o pesquisador aos saberes da sala de aula. Para Amaral (2024, p. 19), as pesquisas realizadas, entendidas como criação, inventividade e descoberta, valorizam a experiência

e o vivido, e fazem emergir a história, levando em conta condições locais, contextuais, socioculturais, sociotécnicas e existenciais.

Em seu texto “Antropologia e cibercultura”, Jean Segata e Theophilos Rifiotis (2016, p. 11) apresentam ao leitor o seguinte questionamento: quais práticas têm sido articuladas em torno da cibercultura e que mudanças elas produzem na constituição das pessoas e em suas relações?

As práticas em torno da cibercultura têm promovido transformações e profundas mudanças na sociedade, que se refletem nas dinâmicas sociais e na relação das pessoas com o território e o digital, especialmente no que tange à construção de identidades e à produção de conhecimento. A internet, como espaço de interação mediada por tecnologias digitais, proporciona uma reconfiguração das formas de comunicação, permitindo que indivíduos, especialmente aqueles de grupos subalternizados, tornem-se produtores ativos de conteúdo e estabeleçam novas formas de autorrepresentação. Essa dinâmica não apenas desafia as normas sociais e culturais estabelecidas, mas também cria novas formas de sociabilidade e de visibilidade, permitindo a emergência de narrativas que rompem com as formas hegemônicas de identidade, especialmente em relação a gênero, sexualidade, raça e classe.

Arturo Escobar (2016, p. 39), em seu texto “Bem-vindos à Cyberia”, complementa os questionamentos de Jean Segata e Theophilos Rifiotis (2016, p. 11) com duas novas indagações: Como as pessoas se relacionam com seus mundos tecnológicos (máquinas, corpos e naturezas reinventadas)? Se as pessoas estão posicionadas diferencialmente nos tecnoespaços (de acordo com aspectos como raça, gênero, classe social, localização geográfica e habilidades físicas), como se diferem então suas experiências desses espaços?

Cabe-nos refletir se as pessoas estão posicionadas de maneira desigual nos tecnoespaços, levando em consideração fatores mencionados por Arturo Escobar, isso implica que suas experiências nesses ambientes digitais são também diversas e distintas, pois essas desigualdades estruturais influenciam a forma como os indivíduos acessam, interagem e se posicionam no *on-line*, resultando em vivências que variam em termos de oportunidades, representações e formas de participação. Podemos compreender, assim, que a posição social e os marcadores identitários desempenham um papel central na

configuração das experiências dos sujeitos nesses espaços, afetando tanto a visibilidade quanto a capacidade de engajamento e de construção de saberes no contexto digital.

Santos (2019, p. 18) diz que pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural produzindo dados em rede. Os sujeitos não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa. Para Santos (2019, p. 25), toda produção cultural e fenômenos sociotécnicos que emergiram da relação entre seres humanos e objetos técnicos digitalizados em conexão com a internet caracterizam e dão forma à cibercultura. Essa noção tem sido cada vez mais discutida como a cultura do ciberespaço e do espaço físico imbricados. O ciberespaço é a internet habitada por seres humanos em processos de comunicação.

Oriunda da Antropologia, a etnografia no Brasil, aos poucos, na figura do Grupo de Pesquisa em Antropologia do Ciberespaço (GrupCiber), da Universidade Federal de Santa Catarina, e da Associação Brasileira de Pesquisa em Cibercultura (ABCiber) abriram caminhos a partir de pesquisas sobre os temas candentes que, ao “etnografar” os espaços das redes que “laçam e enlaçam” pessoas em suas malhas sutis e encantadoras, auxiliaram sobremaneira na constituição de um campo de trabalho para antropólogos/as que aceitaram o desafio e pouco se importaram com as desconfianças sobre revelações (Beltrão, 2016, p. 7).

Segata (2014) destaca que a etnografia posiciona e situa a cibercultura no lugar onde ela é produzida e significada cotidianamente, ou seja, nas práticas, experiências e sensibilidades da vida vivida e não daquela imaginada. Escobar (2016) enfatiza que compreendia que a etnografia seria um modo privilegiado de pesquisa para campo da cibercultura, ao colocar a antropologia em condições de formular questões e respostas mais complexas sobre as importantes transformações da vida social.

Porém, de acordo com Segata (2016), foi apenas a partir da aproximação com as críticas firmadas com a Teoria Ator-Rede (Latour, 2008) que nossa etnografia passou a ser tratada em termos de rastreamento e descrição de associações entre humanos e não humanos, permitindo a extração de algumas consequências da ideia que fazíamos de pesquisar “redes sociotécnicas”, exigindo-nos conseqüentemente uma revisão sobre o próprio campo da cibercultura.

Ao atualizar a etnografia para a internet, destacamos os trabalhos desenvolvidos

por Hine (2000, 2005) e Kozinets (2002). Hine (2000) afirma que a etnografia virtual, conhecida também como webnografia, ciberantropologia, netnografia e etnografia digital, entre outras denominações, estuda as práticas sociais na internet e o significado delas para os participantes. De acordo com Hine: “a etnografia é um ponto de partida metodológico ideal para começar tal estudo [das práticas quotidianas na Internet]. Uma etnografia da internet pode olhar em detalhe para as maneiras nas quais experiencia-se a tecnologia em uso (Hine, 2000, p. 4).”

Ainda segundo Hine, concebemos assim a etnografia virtual:

Na sua forma básica, a etnografia consiste em um pesquisador passando um período de tempo extensivo mergulhado em um campo, observando as relações, atividades e compreensões das pessoas no local e participando desses processos. O objetivo é de explicitar as maneiras consideradas garantidas e frequentemente tácitas através das quais as pessoas fazem sentido de suas vidas. O etnógrafo habita uma espécie de posição entre mundos, simultaneamente nativo e estrangeiro. Deve tornar-se próximo o suficiente à cultura estudada para entender como funciona, mas capaz de separar-se o suficiente para poder fazer relatos sobre ela (Hine, 2000, p. 4-5)

Kozinets (2002, p. 2) entende que a “netnografia”, ou “etnografia na internet”, como uma nova metodologia de pesquisa qualitativa, adapta técnicas da pesquisa etnográfica para o estudo de culturas e comunidades emergindo nas comunicações mediadas pelo computador. Hine (2000, p. 13) afirma que a metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos nos quais ela é empregada e é uma abordagem adaptativa que floresce na reflexividade sobre o método. A abordagem etnográfica descrita aqui tem como objetivo fazer justiça à riqueza e complexidade da internet e, também, defender a experimentação dentro do gênero como uma resposta às novas situações.

Como Hine (2000), nós também enfatizamos a riqueza e a complexidade da Internet, o que fundamenta nossa escolha do ambiente digital como espaço de investigação. Nesse contexto, a pesquisa foi conduzida na rede social Instagram, decisão que emergiu ao longo do processo investigativo, após a análise preliminar de outras plataformas, como o Facebook e o Twitter (X). O mapeamento dessas redes sociais permitiu identificar fenômenos emergentes da cibercultura e evidenciar que, no

Instagram³, cientistas trans/travestis se organizam estrategicamente para ampliar o alcance de suas publicações, fortalecer suas construções *on-line*, consolidar suas autorias e fomentar processos formativos.

A escolha de acompanhar a articulação *on-line* da Professora Alessandra Teixeira Primo fundamenta-se em dois aspectos principais: o início de sua transição de gênero e sua preocupação em preparar e formar seus seguidores para os desdobramentos desse processo. A autoria dessa professora transcende os limites da produção acadêmica amplamente reconhecida e divulgada, consolidando-se como uma referência no campo da comunicação. Sua atuação não se restringe à documentação de sua vivência pessoal, mas se manifesta como um processo estratégico e dinâmico de ressignificação identitária, tanto no meio acadêmico quanto no ambiente digital. Por meio de uma abordagem inovadora, suas produções comunicacionais articulam saberes, ampliam debates e promovem reflexões críticas, evidenciando sua capacidade de mobilizar narrativas que desafiam paradigmas e contribuem para a construção de novos referenciais epistemológicos.

Para se apresentar nesse novo contexto, a professora adotou estratégias comunicacionais que incluem a produção de conteúdos educativos, a reconfiguração de sua imagem pública e a construção de um discurso que dialoga com diferentes públicos. Além disso, sua atuação nas redes sociais demonstra um cuidado meticuloso na mediação das expectativas de sua audiência, utilizando narrativas pedagógicas que esclarecem as dimensões políticas, sociais e epistemológicas de sua transição. Dessa forma, sua presença *on-line* transcende a esfera pessoal e se torna um importante instrumento de formação crítica sobre questões de gênero, promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e representatividade no meio acadêmico e na sociedade em geral.

Sofia Fávero, em *Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais*, destaca a importância do contexto digital, fazendo com que as mobilizações de pessoas trans excedam os considerados moldes tradicionais de fazer política, ou seja, aqueles que se dão presencialmente, sindicalmente, entre outros. Poderíamos pensar que o âmbito virtual tem permitido que pessoas trans escrevam e publiquem, ainda que em

³ O Instagram foi criado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, em 2010, e, em poucos meses, se tornou um dos aplicativos mais promissores da App Store. Atualmente, conta com aproximadamente 2 bilhões de usuários ativos mensais, sendo umas das redes sociais mais acessadas do mundo.

suas redes sociais, sobre as próprias realidades? Não para afirmar uma ingênua ideia de democratização no acesso à internet, como se de fato tal mecanismo estivesse disponível para todos, mas para considerar essa variável na profusão de debates sobre transexualidade, travestilidade e transgeneridades na web (Fávero, 2020, p. 4).

Esta pesquisa contribui para a ampliação da visibilidade das publicações autorais de pessoas trans e travestis, evidenciando a crescente produção intelectual desse grupo no meio acadêmico e em espaços de divulgação científica. Ao reconhecer e valorizar essas produções, o estudo não apenas documenta essa ascensão, mas também fortalece um movimento de representatividade que articula saberes e desafia paradigmas estabelecidos.

O deslocamento das pessoas trans e travestis para o lugar de produtoras de conhecimento marca uma ruptura significativa com a lógica cis-heteropatriarcal que historicamente estruturou a universidade. Esse movimento não se limita à inclusão formal; trata-se de uma insurgência epistemológica que questiona hierarquias, subverte normas e reposiciona corpos antes reduzidos a objetos de estudo na condição de sujeitos pesquisadores.

A produção acadêmica trans e travesti, ao reivindicar legitimidade e espaço, não apenas tensiona os limites da ciência tradicional, mas também propõe novas metodologias, perspectivas e formas de pensar o conhecimento. Dessa maneira, esta pesquisa se insere em um contexto mais amplo de transformação epistemológica, evidenciando que a produção intelectual trans e travesti não é apenas uma resistência, mas uma contribuição fundamental para a construção de um saber mais plural, crítico e democrático. O reconhecimento dessas autorias não apenas fortalece suas trajetórias individuais, mas também impulsiona uma mudança estrutural na academia, pavimentando caminhos para futuras gerações de pesquisadores trans e travestis.

“LIBERDADE, TRANSFORMAÇÃO, METAMORFOSE, VOO”: COM LICENÇA, APRESENTOLHES ALESSANDRA TEIXEIRA PRIMO



profa.ale.primo

Seguindo ▾

Enviar mensagem



79 publicações

1.642 seguidores

637 seguindo

Alê Teixeira

Pesquisadora de mídias sociais; Professora do PPGCOM/UFRGS. @magica.ale.primo
linktr.ee/eu.sou.ale.primo

Figura 1 – Professora Dra. Alessandra Teixeira Primo
Fonte: Instagram @profa.ale.primo

Optou-se por extrair do Currículo Lattes uma breve introdução acadêmica da Professora Dra. Alessandra Teixeira Primo, Alê Teixeira Primo ou Alê Primo, conforme aparece em seu perfil. Alê Teixeira Primo é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui doutorado em Informática na Educação (UFRGS), mestrado em Jornalismo (Ball State University) e graduação em Publicidade e Propaganda e Jornalismo (UCPEL). Sua tese de doutorado foi premiada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e pela Sociedade Brasileira de Informática na Educação (SBIE). Também é membra fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura.

Na grande estante de autorias da Professora Dra. Alê Teixeira Primo, estão os livros *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição* e *Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais* (coautoria). A professora coordena o Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC) e o grupo de pesquisa em Interação Mediada por Computador, ambos da UFRGS. Atualmente, conforme a portaria n.º [8.797/2024](#), emitida no dia 26 de dezembro de 2024, ela assumiu a chefia do

Departamento de Comunicação (DECOM) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO/UFRGS).

Conforme Favero, a “escrita em primeira pessoa constitui uma escolha consciente” (2020, p. 5), vinculada ao processo de definição do objeto de pesquisa e à intenção de estabelecer uma articulação com a trajetória da autora. Nesse sentido, minha aproximação com a Professora Dra. Alê Primo e sua atuação nas redes sociais iniciou-se em 10 de dezembro de 2021, quando fui mencionado pela Professora Dra. Edméa Santos no Instagram de Alê Primo, durante o 38º Festival de Livros e Autores, transmitido pelo canal da TV UFBA. Essa interação inicial possibilitou meu envolvimento direto com suas produções e debates, criando um ponto de partida para uma imersão mais aprofundada em suas estratégias comunicacionais e acadêmicas.

Essa imersão se deu a partir do mapeamento de seus rastros digitais no Instagram e em outras plataformas nas quais estivesse atuando, naquele momento no Facebook e posteriormente no YouTube, permitindo a observação de suas práticas discursivas, interações e estratégias de construção identitária no ambiente digital. Paralelamente, registrei em diários *on-line* seu cotidiano, acompanhando suas postagens, reflexões e engajamento com diferentes públicos, pois se trata de um processo de documentação e análise, a qual se configurou como em uma etnografia *on-line*, possibilitando compreender como a Professora Dra. Alê Primo ressignificava sua presença nas redes e construía, de maneira dinâmica, uma relação entre sua trajetória acadêmica, sua identidade e o meio digital.

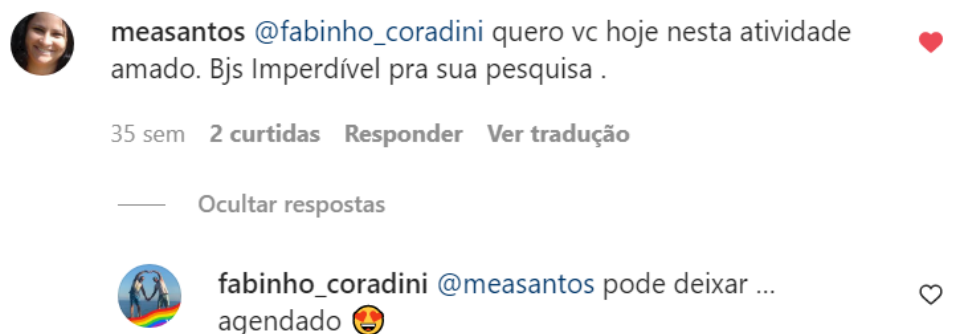


Figura 2: Interação pelo Instagram - Fonte: Instagram @profa.ale.primo

Ao visualizar a imagem da Professora Dra. Alê Primo no *banner* do evento, fomos

imediatamente impactados pela percepção de que algo significativo estava ocorrendo, o que despertou em nós a necessidade de acompanhar esse processo de forma mais atenta. A partir desse momento, em conjunto com minha orientadora, tomamos a decisão de conduzir uma etnografia dos movimentos da Professora Dra. Alê Primo nas redes sociais. Essa abordagem metodológica permitiu não apenas emergir nas interações e estratégias comunicacionais, mas também compreender de que maneira sua presença digital ressignifica identidades, discursos e práticas no ambiente virtual.



Figura 3: TVUFBA - Fonte: Instagram @profa.ale.primo

O primeiro passo na busca por informações sobre a Professora Dra. Alê Primo consistiu na navegação por suas redes sociais ainda ativas, adotando um olhar analítico e investigativo para compreender os acontecimentos daquele período. Conforme Kozinets (2010, p. 140) destaca, na condução da etnografia *on-line*, a observação ultrapassa os métodos convencionais, exigindo uma análise aprofundada dos hábitos e práticas do sujeito na rede, podendo, inclusive, envolver a participação ativa do pesquisador.

Nesse contexto, ao explorar os espaços digitais que poderiam fornecer indícios sobre sua trajetória e possível início de transição, identifiquei perfis no YouTube, Facebook e no Instagram relacionados à sua presença *on-line* antes da mudança de identidade. No entanto, naquele momento, tais plataformas não apresentavam grandes articulações ou movimentações, o que indicava uma possível reconfiguração de sua

presença digital e das estratégias utilizadas para comunicar sua nova identidade acadêmica e social.

Geertz (1978, p. 15) destaca que além da descrição etnográfica ser interpretativa, ela é microscópica, ou seja, no processo etnográfico o olhar precisa ser sensível e a escuta ativa para perceber e compreender as peculiaridades do acontecimento. Segata (2016) destaca que na etnografia no campo da cibercultura não cabe mais a ideia de humanos e não humanos distribuídos na cena como sujeitos e objetos, respectivamente. Para além dos “sujeitos”, antes pensados como apenas os humanos, os “objetos”, pensados como coisas, eles agem também, pois pensar a rede é pensar em uma série de ações distribuídas, e não pensadas em razão de causa e efeito. Trata-se, assim, de uma performatização do social — pois, seja lá o que ele for, ele está em ação.

No início do processo etnográfico, observou-se um significativo silêncio nas redes sociais da Professora Dra. Alê Primo, especialmente durante o período pandêmico. Esse silêncio, no entanto, não deve ser compreendido como uma ausência de significado, mas como uma manifestação discursiva dotada de materialidade própria. Trata-se de um intervalo marcado por transformações profundas, no qual a transição de gênero se alinhava às características físicas correspondentes à identidade de gênero afirmada, configurando um momento de rupturas e enfrentamentos. Os vestígios deixados em suas redes sociais nesse período ainda revelavam uma intersecção entre duas identidades, sugerindo a coexistência simbólica de dois corpos, dois gêneros e duas trajetórias, refletindo assim os desafios e reconfigurações inerentes ao processo de afirmação e reconhecimento social de sua identidade.

É possível observar a presença dessa ambiguidade no vídeo *Quantas vidas cabem em uma existência?*, o primeiro audiovisual da Professora Alê Primo, no qual ela aborda de forma aberta seu processo de transição. A partir do minuto 11, ela enfatiza:

[...] Neste isolamento forçado, nós na UFRGS não estávamos dando aula, estávamos discutindo como respeitar os alunos que podiam ter dificuldade de acesso e fui gravar um curso online, e gravava todos os dias para me ocupar. Nesses momentos eu entrei em um processo de grande **autorreflexão**, pois era o tempo que eu tinha de olhar para dentro. E fiquei cada vez mais horas me culpando, hora tentando entender, porque as roupas femininas tinham me acompanhado durante toda a vida “sempre

escondidas”. Porque a prática do **cross-dressing**⁴ era algo que eu tinha necessidade de praticar, desde que eu era criança, desde o sutiã da minha mãe, desde a maquiagem que eu usava e estragava sem querer, e procurei então ajuda de uma psicóloga especializada em gênero e, então, me dei conta de que era o **momento aos 50 anos de me aceitar** e de entender que eu precisava levar uma vida autêntica, pois por dentro **sempre havia aquela bagunça**, aquela agitação e até um temperamento difícil de conviver com tudo isso e **com esse personagem [...]** (Trecho extraído do vídeo⁵ da Professora Alê Primo).

Segundo a ANTRA (2020), a transexualidade pode ser compreendida como a condição de um indivíduo cuja identidade de gênero é distinta daquela atribuída ao nascimento. O termo “transexual” é utilizado para designar tanto homens quanto mulheres trans, buscando reconhecer aqueles que não se identificam com as normas socioculturais associadas aos gêneros masculino e feminino. Lanz argumenta que “[...] a não conformidade com a norma de gênero está na raiz do fenômeno transgênero, sendo esta — e nenhuma outra característica — que determina a existência desses indivíduos [...]” (2014, p. 70). Para a autora decolonial transfeminista Viviane Vergueiro (2016), o efeito nocivo da cisnormatividade se manifesta como uma estrutura colonial de assujeitamento das corporalidades inconformes, ou seja, àquelas pessoas que não estejam dentro da normatização cisgênera é dada a única opção da zona do não ser.

O intervalo temporal nas ações nas redes sociais da Professora Dra. Alê Primo correlaciona-se diretamente com o período em que sua transição se consolidava como a afirmação de sua identidade de gênero feminina. Em 31 de junho de 2021, último dia do mês dedicado às celebrações do orgulho LGBTQIA+, a Professora Alê Primo utilizou o aplicativo FaceApp, que permitia aos usuários se retratarem no gênero feminino ou masculino, operando dentro da lógica binária de gênero, e que teve grande circulação temporária nas redes sociais. Por meio desse aplicativo, ela se apresenta em duas imagens, ilustrando suas distintas manifestações identitárias no processo de transição.

⁴ Termo que se refere ao ato de alguém possuir uma expressão de gênero (roupas ou acessórios) associados ao gênero oposto, por qualquer uma de muitas razões, desde vivenciar uma faceta feminina (no caso dos homens) ou masculina (no caso das mulheres), ou outras.

⁵ Vídeo *Quantas vidas cabem em uma existência?* disponível em: <https://youtu.be/lGGVo-bL7Ls?si=l1-z9mKkNdZjVnXP>



Figura 4: Print de uma publicação do Instagram referente ao Dia do Orgulho LGBTQIA+
Fonte: Instagram @profa.ale.primo

Nas imagens compartilhadas nas redes sociais, a Professora Dra. Alê Primo explora sua presença digital ao se apresentar simultaneamente em dois gêneros, masculino e feminino, com uma única alteração visível: o cabelo. A composição das imagens, sua estética visual e a organização das posições são estrategicamente estruturadas de maneira que as duas representações pareçam integrar-se, criando uma ilusão de continuidade sem qualquer diferença substancial entre elas. Esse movimento está em consonância com o discurso histórico proferido por Sojourner Truth, em 1851, no estado de Ohio, nos Estados Unidos, quando questionou: “E eu não sou uma mulher?”.

De acordo com Nascimento (2021, p. 18), essa interrogação desestabiliza a concepção homogênea e universal de mulher, possibilitando a emergência de discussões relevantes sobre a transexualidade. A reflexão proposta pela Professora Dra. Alê Primo ressoa com a abordagem de Megg Rayara (2021) na contracapa do livro *Transfeminismos*, de Letícia Nascimento, que, poetizando politicamente, afirma: “Encontros que se dão no próprio corpo, em meio a gritos diversos de dores, alegrias, esperanças, saudades, sonhos e esquecimentos.” Esse posicionamento enfatiza a multiplicidade de experiências vividas no corpo trans, destacando o caráter simultaneamente individual e coletivo das narrativas de transição.

123 curtidas

alexprimo Como hoje é o último dia de junho, mês dedicado internacionalmente ao respeito ao público LGBTQIA+ (uma causa que toda pessoa boa apoia), gostaria de fazer uma brincadeira. Já que circulam tantos "testes de personalidade" nas mídias sociais, proponho aqui esta provocação. Se meu aspecto físico mudasse como na simulação da foto, você continuaria me apoiando, oferecendo sua amizade? Ou pensaria que eu enlouqueci, subitamente mudei meu caráter? Mereceria nojo, chacota, risos ou nada mudaria para você?

Quer participar deste "jogo"? Então responde aí.



Figura 5: Print das interações realizadas no Instagram referentes ao Dia do Orgulho LGBTQIA+
Fonte: Instagram @profa.ale.primo

Destacarei a palavra “nojo”, retomando a discussão introdutória sobre o conceito de “abjeção”, para lembrar que, conforme definido por Kristeva (1982), o que torna algo abjeto e não simplesmente reprimido é o fato de ele não desaparecer completamente da consciência do sujeito. O abjeto é rejeitado, excretado, cuspidado para fora, mas permanece como uma ameaça inconsciente e consciente para o próprio “eu”, que se convence agora como algo “limpo” e “adequado”. O abjeto é o que não respeita os limites, pelo contrário, os ameaça e contesta. Não é a repulsa física, a falta de limpeza ou saúde que causa a abjeção, “mas aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem”, diz Kristeva, “é aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras” (Kristeva, 1982, p. 4).

O termo “nojo”, quando associado à chacota e aos risos, se estabelece como um elemento recorrente no cotidiano de corpos trans e travestis. Para a semiótica discursiva, Barros destaca que os “efeitos de sentido temporais, espaciais e actoriais deste post são, para a fala, os efeitos de proximidade, subjetividade, informalidade, incompletude” (2015, p. 16), ação que a Professora Alê Primo se apropria para compreender a semântica do seu usuário. Barros (2015) afirma que os discursos na internet ocupam posição intermediária entre a fala e a escrita, podendo caracterizá-los como um complexo. Para Claude Zilberberg (2004), definida pela complexidade, a comunicação na internet é, ao mesmo tempo, próxima e distante, descontraída e formal, incompleta e completa, subjetiva e objetiva. Morin define essa complexidade, a um primeiro olhar, como um: “tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente

associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico [...] (Morin, 2006, p. 20).”

Essa dinâmica, em que o “nojo” aparece como uma forma de violência simbólica, reflete uma marginalização constante, mas também uma resistência nas interações digitais. A expressão “Quer participar deste ‘jogo?’” nos impulsiona a refletir sobre a posição da enunciativa, que busca compreender o lugar do outro perante ela, destacando o desejo de estabelecer uma dinâmica de poder e reconhecimento. Nesse contexto, o sujeito se revela nas suas negações, pois, como argumenta Derrida (2003), a presença do outro transforma tanto a enunciativa quanto os enunciados. Nem a Professora Dra. Alê Primo nem os sujeitos interagindo com ela nas redes sociais permanecem os mesmos. A relação entre sujeito e outro, em um espaço como o digital, está permeada pela alteridade e pela desconstrução de identidades fixas, evidenciando uma constante negociação e reconfiguração de significados.

Esta pesquisa não se propõe a realizar uma análise detalhada do conteúdo presente nos comentários das postagens da Professora Dra. Alê Primo, mas a investigar como a construção de sua autoria se deu como uma existência pública no espaço digital. Nesse sentido, é pertinente destacar o conceito de “construção da fachada”, conforme abordado por Goffman (2003), que se refere ao processo de elaboração de símbolos e representações que constituem a identidade de um indivíduo na interação social. Com esse movimento etnográfico, podemos observar como a Professora Dra. Alê Primo construiu uma fachada pública capaz de viabilizar a continuidade de sua ressignificação no espaço digital enquanto mulher trans.

Um aspecto relevante dessa construção de identidade foi a forma estratégica como a transição da professora, incluindo a adoção do nome social, foi articulada nas redes sociais. Ela fez questão de tornar esse processo acessível a seus seguidores, permitindo que acompanhassem a transformação de sua identidade e sua trajetória de visibilidade. Esse gesto de abertura e compartilhamento com seus seguidores foi uma poderosa ferramenta de ressignificação e empoderamento.

Em 31 de março de 2022, data do “Dia Internacional da Visibilidade Trans⁶”, a Professora Dra. Alê Primo disponibilizou em seu Instagram, com direcionamento para o YouTube, a sua primeira palestra sobre o processo de transição. O vídeo, intitulado *Quantas vidas cabem em uma existência?*, faz parte do evento II Seminário Um Currículo, Muitos Corpos, Painel Diversidade sexual e de gênero: desafios e conquistas contra a invisibilidade e a precarização, realizado pela UFRGS, publicado no canal do YouTube da Professora Alê Primo e, atualmente, conta com mais de 900 visualizações. Nesse vídeo, a Professora Dra. Alê Primo se apresenta de maneira empoderada, articulando uma narrativa de transformação e resistência que não apenas visa compartilhar sua história, mas também reafirmar sua presença e identidade enquanto mulher trans em um espaço público digital.



Figura 6: Print da publicação no Instagram da primeira palestra em público após a transição
 Fonte: Instagram @profa.ale.primo

A partir do vídeo mencionado, uma potente autoria começa a se construir em rede, mobilizando não apenas a comunidade LGBTQI+, mas também a universidade, a educação, a ciência e a vida em sua totalidade. De acordo com Silva (2010), o

⁶ 31 de março, Dia Internacional da Visibilidade Trans. Apesar de no Brasil termos o 29 de janeiro como Dia Nacional da Visibilidade, o Dia Internacional da Visibilidade Trans é uma data importante para pessoas trans, celebrada anualmente, desde 2009. A data foi fundada pela ativista trans Rachel Crandall, de Michigan, como uma reação à falta de compromisso em relação aos direitos das pessoas trans, inclusive de pessoas LGBTQIA+, e vem sendo comemorada globalmente desde 2014, ganhando mais espaço a cada ano (ANTRA, 2022).

envolvimento emocional e a implicação pessoal são fundamentais para a participação coletiva, pois criam um ambiente propício para o desenvolvimento de autonomia, autoria, troca de saberes e interatividade. Ao investir emocionalmente e implicar-se como mulher trans, a Professora Dra. Alê Primo mobiliza esses saberes com o objetivo de afirmar sua própria existência, conceito que estou denominando como *Autoria pela Existência*.

A Autoria pela Existência se conecta diretamente com o discurso de Sojourner Truth (1851), que em sua famosa fala afirmou: “[...] eu não estou indo embora, vou ficar aqui e resistir ao fogo [...]”. Essa afirmação de resistência e permanência se fundamenta como um marco de ruptura frente à imposição das narrativas dominantes. Essa noção também dialoga com o conceito de Chimamanda Ngozi Adichie (2019) sobre “o perigo da história única”, ao afirmar que o poder não reside apenas na capacidade de contar a história do outro, mas na habilidade de fazer com que essa história seja reconhecida como definitiva. Alê Primo, em sua produção de sentido, rompe com essa história única, recusando-se a permitir que sua dignidade seja subtraída por narrativas alheias.

Nesse vídeo, a Professora Dra. Alê Primo questiona: “Quem sou eu?”, refletindo sobre a importância de estar em processo de autoafirmação no contexto do “Dia Internacional da Visibilidade Trans”. Em seu discurso, ela afirma: “*Eu posso garantir que dentre todas essas vidas, a que estou vivendo agora é a melhor vida que eu já vivi, a mais autêntica e, por isso, a mais feliz.*” Com isso, ela reafirma sua identidade e sua trajetória de transformação, não como uma narrativa passiva, mas como uma autorrepresentação ativa e empoderada, em que a autenticidade e a felicidade são os pilares de sua existência trans.

Alê Primo destaca que iniciou sua transição durante a pandemia da covid-19, aos 52 anos, após uma vida inteira performatizando o gênero masculino. Ela descreve que, aos 50 anos, iniciou o que chama de sua “segunda transição”, pois, como afirma, “nasceu menina”, mas vivenciou ao longo da vida um roteiro no qual o único caminho possível era manter o protagonismo de um homem branco, de classe alta, acadêmico e casado. Esses privilégios foram reconhecidos por Alê Primo como uma forma de “conforto em sua posição social”, refletindo uma experiência marcada por uma adaptação forçada ao papel masculino, socialmente aceito e respeitado, mas que não condizia com sua identidade interna.

Em uma reportagem concedida em 27 de julho de 2023, ao jornal Zero Hora, a Professora Dra. Alê Primo conversa sobre o seu processo de transição aos 50 anos, destacando os privilégios, dificuldades e ressonâncias desse processo.

Professora Alê Primo, sobre transição de gênero: "Eu sou uma mulher. Sempre fui"

Nome de referência na formação de comunicadores no Estado, ela conta como foi o processo da mudança e a aceitação de alunos, colegas e familiares, incluindo os pais

"Um dia não vai ser preciso ter coragem para ser feliz. Mas hoje reconheço que é preciso muita coragem. Assumi, depois de 50 anos, uma briga, metafórica, com Deus."



Figura 7: Print de trechos da reportagem ao jornal Zero Hora
Fonte: Jornal digital Zero Hora

No entanto, Alê Primo não utiliza seus privilégios para afirmar que o processo de transição foi fácil ou sem dificuldades. Isso está em consonância com a perspectiva de Ribeiro (2020, p. 60), que argumenta que, ao falarmos de “pontos de partida”, não estamos nos referindo exclusivamente às experiências individuais, mas às condições sociais que podem ou não permitir que esses grupos acessem os espaços de cidadania. Essa análise encontra eco na famosa frase de Simone de Beauvoir (1973, p. 9), “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, citada por Nascimento (2021, p. 30), que aponta a produção social e histórica da identidade feminina. O processo de se tornar mulher, para Alê Primo, é uma ruptura com a encenação do corpo normativo, um movimento contra a cis-heteronormatividade, desafiando os moldes sociais binaristas e falocêntricos.

Essa transformação da Professora Dra. Alê Primo pode ser compreendida como um exemplo do que Bento (2017) descreve como uma “nova estética filosófica e corporal”, que se desvia dos padrões tradicionais de gênero, reconfigurando a identidade e o corpo conforme a experiência de ser mulher trans. Segundo Silva, esse movimento revela um “agente humano que resiste às lógicas universalizantes e à inteligibilidade do que é ser homem e do que é ser mulher, espriando sua legítima e inventiva forma de

existencialização” (2019, p. 95).

A partir de sua Autoria pela Existência, Alê Primo estabelece conexões com aliados na rede, mobilizando saberes que envolvam autorreconhecimento, aceitação e a consubstanciação de sua identidade preponderante. Esse processo é descrito como uma desconstrução do gênero pretensamente universal, com o objetivo de torná-lo mais plural e harmônico, como destaca Lauretis (1994). Nesse movimento de reafirmação, a professora não só questiona as normas de gênero tradicionais, mas também se apropria de novas formas de existir que desafiam e ampliam as concepções sociais dominantes.

Em 16 de julho de 2022, a Professora Dra. Alê Primo disponibilizou em seu canal no YouTube o vídeo intitulado *Tudo sobre minha feminização facial (FFS)*, que, até o momento, acumula quase 2.000 visualizações. Nesse vídeo, a professora compartilha um relato detalhado de seus procedimentos cirúrgicos de feminização facial, realizados na Clínica Transgender Center Brazil em 18 de maio de 2022. Esse momento, além de ser um marco na sua transição, também evidencia uma abordagem de transparência e empoderamento, ao permitir que seus seguidores acompanhassem de perto uma etapa significativa de sua jornada, reforçando sua atuação enquanto sujeito ativo na construção e afirmação de sua identidade.

Nesse vídeo a Professora Dra. Alê Primo relata todas as combinações de procedimentos, destacando-as:

- a) Frontoplastia: cirurgia de redução da testa, com levantamento das sobrancelhas e avanço capilar;
- b) Cantopexia: correção da posição e flacidez palpebral;
- c) Mentoplastia: cirurgia que confere maior equilíbrio entre as estruturas faciais, remodelando o queixo para melhorar o contorno da face;
- d) Lipoenxertia: preenchimento de partes do corpo com gordura, definindo forma e volume.

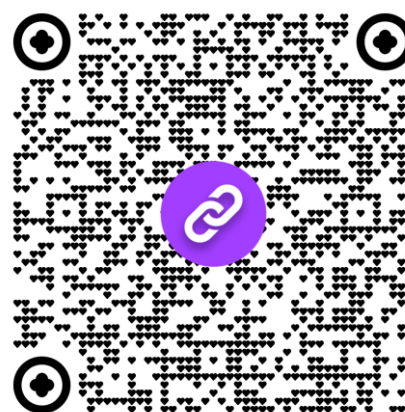




Figura 8: Processo de feminização facial

Fonte: YouTube (canal Alê Primo / @Ale_Teixeira_Primo)

Esse compartilhamento não apenas fortalece a narrativa de sua identidade, mas também se configura como uma prática de resistência e visibilidade, no intuito de desnaturalizar os discursos normativos sobre os corpos e as identidades de gênero. Ao expor os detalhes desse processo cirúrgico, Alê Primo reforça sua Autoria pela Existência, mostrando, mais uma vez, a potência de sua agência nas redes sociais e a importância de sua voz como representante de uma transição que não é apenas pessoal, mas também política e coletiva.

Diversas questões orientam o corpo trans na decisão de realizar procedimentos de feminização, destacando-se a passabilidade e a tentativa de escapar das trajetórias de estigmatização e preconceito manifestadas em razão de sua aparência física. A passabilidade refere-se ao reconhecimento social de que o indivíduo faz parte do gênero ao qual se identifica, funcionando, ao mesmo tempo, como um mecanismo de proteção contra a discriminação e a violência explícita direcionada aos corpos ainda em processo de transição. Assim, a busca por essa conformidade estética pode ser entendida como uma estratégia para mitigar os efeitos do preconceito e garantir maior segurança e aceitação social. Bento (2014, p. 44) destaca que não existe um processo específico para a constituição das identidades de gênero para as pessoas trans. O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiterações cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística

corporal são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada do gênero.

Nesse diálogo de existência e da construção dos corpos, concordamos com Donna Haraway (2013), quando ela considera que somos híbridos e, portanto, é fundamental romper com as narrativas de origem e com as ideias essencialistas. Isso implica desestabilizar as fronteiras entre o biológico e o cultural, entendendo o gênero como uma performance, como um processo contínuo de produção de nossos corpos. Haraway (2013) afirma que “nossos corpos se materializam em formas diversas de feminilidades”, ressaltando a pluralidade de formas de viver as “mulheridades” (Nascimento, 2021, p. 41). Uma dessas formas é o ato de se autorizar a existir, desconstruindo normas e expectativas sociais em relação ao que significa ser mulher.

As modificações no corpo trans, impulsionadas por hormônios, dores e pelas expectativas impostas pela sociedade, encontram ressonância com o conceito de “ciborgue”⁷ proposto por Haraway (1994, p. 244). O “ciborgue” representa uma imagem híbrida que integra a imaginação e a realidade material, com ambos os centros interligados para possibilitar qualquer transformação histórica. A ruptura de gênero no corpo trans pode ser vista como um movimento híbrido, no qual um corpo precisa se descontinuar para dar espaço a outro. Nesse processo, a dicotomia entre natureza e cultura é reconfigurada, uma vez que nenhuma das duas pode mais ser entendida como objeto de apropriação ou incorporação pela outra (Haraway, 1994, p. 246). David Thomas (1991) fundamenta suas reflexões na crescente literatura sobre as noções de “ciberespaço” e “ciborgue” — definido em um sentido amplo como uma mescla entre humano e máquina. Assim, o corpo trans, enquanto “ciborgue”, torna-se um espaço de resistência e transformação, em que a continuidade e a descontinuidade, o biológico e o cultural, se entrelaçam para produzir novas formas de ser e de existir no mundo.

O corpo trans, modificado e remodelado, configura novas formas de existência e de reconhecimento social. Comparado à figura de Frankenstein, não mais como entidade monstruosa, mas como sujeito que, ao se reconfigurar, ultrapassa limites e reinscreve-se na estética e na potência do corpo ciborgue. Esse corpo, longe de temer a rotulação

⁷ Publicado originalmente em 1991 por Donna Haraway e intitulado *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX* (2000).

como “monstro”, se reconstrói e ressignifica a própria ideia de monstrosidade, desafiando as noções tradicionais da cisgeneridade. A monstrosidade, historicamente associada à abjeção e ao silenciamento social, passa a ser vista de outra maneira: não como um estigma, mas como um espaço de resistência e reconfiguração identitária. Haraway destaca a respeito da monstrosidade e do Frankenstein:

Diferentemente das esperanças do monstro de Frankenstein, o ciborgue não espera que seu pai vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso, isto é, por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de sua complementação em um todo, uma cidade e um cosmo acabados. O ciborgue não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico (Haraway, 1994, p. 39).

A questão central nesse contexto reside na etimologia da palavra grega “*plastikos*”, que significa moldar ou modelar. O corpo ciborgue e trans se constrói a partir dos fragmentos das identidades fraturadas, desafiando as imposições de uma ordem identitária única e natural, assim como a ideia de totalidade na constituição do ser. A ênfase recai sobre a liberdade e a consciência nas decisões relativas ao corpo, pois a motivação primordial deve ser o bem-estar, o conforto e a vitalidade no corpo vivido a cada dia. Esse corpo, apesar de ser imperfeito e singular, é sempre diverso, constantemente em mutação, refletindo uma identidade em construção contínua. Ele não deve ser visto como um objeto a ser “plastificado” ou conformado a padrões preestabelecidos, mas como uma expressão autêntica de nossa existência, marcada pela flexibilidade e pela plasticidade intrínseca à experiência humana. Dessa maneira, o corpo trans, em sua contínua reconfiguração, revela uma plasticidade profunda, que não se limita ao simples ato de modelar, mas que se torna uma prática de autoafirmação e de resistência às normas que buscam estigmatizá-lo.



Figura 9: Homenagem à Professora Dra. Alessandra Teixeira Primo
Fonte: Elaborado por Fábio Coradini.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse processo, ressaltamos a importância da sensibilidade e da atenção, conceitos fundamentais, segundo Larrosa (2002), para que o pesquisador e os sujeitos se aproximem genuinamente da experiência vivida. Esta pesquisa se destaca ao apresentar etnografias de mulheres cientistas trans/travestis, contribuindo para o campo da ciência, destacando suas epistemologias e movimentando a universidade, buscando promover debates acerca do tema.

Esta pesquisa se destaca por apresentar etnografias de mulheres cientistas trans/travestis, contribuindo significativamente para ciência ao destacar suas epistemologias e saberes. Ao abordar as experiências e trajetórias dessas cientistas, a pesquisa não só amplia os horizontes da produção acadêmica, mas também provoca a universidade a refletir sobre suas estruturas excludentes e cisnormativas. Nesse sentido, foi possível analisar as vozes digitais que emergem por meio das publicações dessas praticantes, reconhecendo o potencial de suas narrativas para desafiar e desconstruir paradigmas estabelecidos. Ao compreender a importância de “transformar o ouvir” (Macedo, 2016) em uma “escuta sensível”, a metodologia adotada busca criar um espaço de empatia e reconhecimento da diversidade no universo acadêmico, promovendo uma escuta que ultrapassa o simples ato de ouvir, mas que se configura como uma prática

consciente e reflexiva.

Sofia Favero (2020) aborda de maneira crítica a transformação da posição de pesquisadas para pesquisadoras e os reflexos dessa mudança nas produções científicas. A autora destaca como a visibilidade e a voz das travestis no campo acadêmico estão sendo reconfiguradas, com um foco especial na apropriação dos espaços digitais como um meio de afirmação e construção de conhecimento. Favero chama atenção para o papel da internet no surgimento dessa nova geração de travestis intelectuais, destacando que não se trata de uma ingenuidade ao afirmar que a internet democratiza o acesso ao conhecimento, mas de uma reflexão sobre como ela tem sido um espaço de profusão de debates sobre transexualidade, travestilidade e transgeneridades. Como a autora aponta, a internet oferece uma plataforma em que as pessoas trans e travestis têm se apropriado de espaços antes inacessíveis, contribuindo para a construção de uma “pesquisa de si”, em que é possível reconfigurar as narrativas sobre identidade e gênero.

As análises de Isis Lenoah Ortiz, mestra em Educação pela UFPR, e de Megg Rayara Gomes de Oliveira, Professora Adjunta na mesma instituição, convergem com a proposta de visibilizar a produção acadêmica de mulheres trans/travestis. Em sua dissertação *De cobaias a pesquisadoras: trajetos insubordinados de intelectuais travestis e transexuais*, Ortiz (2022) aborda a trajetória do corpo travesti no campo acadêmico e científico, enfatizando a importância da presença de travestis no ambiente universitário e sua contribuição para as produções científicas. Em sua tese *O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*, Rayara (2017) busca identificar os elementos que incidem de maneira positiva nos processos de subjetivação das experiências negras que fogem à norma cis heterossexual e como esses elementos são agenciados no interior da escola.

O marco desse movimento no Brasil é a defesa da tese de doutorado de Luma Nogueira Andrade, em 2012, a primeira travesti a obter o título de doutora no país. Andrade, atualmente professora adjunta na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e diretora do Instituto de Humanidades, apresentou a tese intitulada *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. Esse estudo é pioneiro por trazer uma perspectiva única sobre a população de travestis e mulheres trans, especialmente por ter sido realizado por uma pesquisadora travesti, o

que inaugura um novo olhar sobre as questões de gênero e identidade no Brasil.

Por fim, o propósito deste artigo é promover a divulgação da pesquisa, destacar a originalidade/ineditismo de sua produção e conferir visibilidade à contribuição científica das pesquisadoras trans/travestis, cujos direitos à existência são frequentemente negados. A pesquisa, realizada com rigor acadêmico, busca reconhecer e valorizar as produções intelectuais dessas cientistas, ressaltando sua importância no campo do saber e a necessidade de sua inclusão no contexto acadêmico. Trata-se, portanto, de um tributo a essas cientistas que, por meio de múltiplas formas de produção de conhecimento, desafiam as estruturas sociais que buscam invisibilizá-las e deslegitimá-las. A relevância de incluir os saberes trans em nossas práticas pedagógicas e na sala de aula não pode ser subestimada, uma vez que a valorização dessas epistemologias é essencial para a construção de uma educação inclusiva.

É fundamental destacar a importância de pesquisadores e grupos de pesquisa aliados, como o GPDoC (Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura), que trabalham na promoção de um ambiente acadêmico acessível a todos e na ampliação de produções multirreferenciais. As epistemologias, autorias e saberes trans/travestis, portanto, não só contribuem para o avanço do conhecimento sobre pessoas trans, como também representam um marco de resistência e subversão das normas acadêmicas tradicionais, abrindo caminhos para futuras pesquisas que investiguem a realidade das pessoas trans a partir de uma perspectiva crítica e politizada, considerando as subjetividades, as complexidades sociais, políticas e culturais que permeiam suas experiências.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Trad. de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMARAL, Mirian Maia do. **A ciberpesquisa em educação**: autorias e inspirações teórico-metodológicas do GPDOC. São Carlos: Pedro & João, 2024, 217 p.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola**: assujeitamento ou resistência à ordem normativa. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em 27. jan. 2025.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Relatório completo de assassinatos de travestis e transexuais da ANTRA**. 2019-2022. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos>. Acesso em: 20. fev. 2025.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 157-177, 2015. DOI: 10.21709/casa.v13i2.8028. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8028>. Acesso em: 14 fev. 2025.

BEAUVOIR, Simone. **The second sex**. Trad. E. M. Parshley. Nova York: Vintage, 1973.

BELTRÃO, Jane Felipe. Cibercultura e políticas etnográficas. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilus (org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. 208 p.

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria?: Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Revista Florestan**. Ano 1, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/64>. Acesso em 28 fev. 2025.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017, 329 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CAMPOS, Clarisse Mack da Silva; YORK, Sara Wagner. A travestilidade como potência epistemológica: rompendo os grilhões do transepistemicídio. **Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1753>. Acesso em: 11 maio 2024.

CORADINI, Fábio dos Santos. **Currículo Ciberqueer: autorias LGBTQIA+ na cibercultura**. 2022. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/6643>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CORADINI, Fábio dos Santos; SANTOS, Edméa Oliveira dos. Epistemologia travesti: uma etnografia online de Sara Wagner York. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 29, 2024. DOI: 10.24220/2318-0870v29a2024e12825. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/12825>. Acesso em: 1 mar. 2025.

CUNHA, Neon. **FONATRANS** [Vídeo]. Instagram, 4 jan. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/fonatrans/>. Acesso em 28. fev. 2025

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilus (org.). **Políticas etnográficas no campo da**

cibercultura. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. 208 p.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial**, Natal, v. 7, p. 1-22, jan/jun 2020. DOI: <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2020v7n12ID18520>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18520/12588>. Acesso em: 1 mar. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2003.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os ciborgues: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 35-118.

HILTON, Erika. TV Senado. **Visibilidade Trans**. 2024. 27 min. Disponível em: https://youtu.be/dGGPEb_20t4?si=FE27qCEA4uzh98E8. Acesso em 27. jan. 2025.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

KOZINETS, Robert. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities**, 2002. Disponível em: http://kozinets.net/wp-content/uploads/2009/07/field_behind_round1_rev.pdf. Acesso em 27. jan. 2025.

KOZINETS, Robert. **Netnography: Doing Ethnographic Research Online**. London: Sage, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: An essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36800>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red**. Buenos

Aires: Manantial, 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento**: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina; 2006.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 192 p.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Contracapa. In: **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 192 p.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/47605/R%20-%20T%20-%20MEGG%20RAYARA%20GOMES%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Acesso em: 28 fev. 2025.

ORTIZ, Isis Lenoah. **De cobaias a pesquisadoras**: trajetos insubordinados de intelectuais travestis e transexuais. 2022. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/85752>. Acesso em: 28 fev. 2025.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTQI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaia, 2020, 112 p.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2014.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. 2ª Ed. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. Prefácio. In: AMARAL, Mirian Maia do. **A ciberpesquisa em educação**: autorias e inspirações teórico-metodológicas do GPDOC. São Carlos: Pedro & João, 2024, p. 13-16.

SEGATA, Jean. A etnografia como promessa e o Efeito Latour no campo da cibercultura. **Ilha: Revista de Antropologia**, v. 16, p. 69-95, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2014v16n2p69>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/2175-8034.2014v16n2p69/29166>.

Acesso em: 28 fev. 2025.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia e cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. 208 p.

SILVA, Joyce Alves et al. Travestilidades no espaço socioeducativo: (des)patologização, monstrosidade, violência, abjeção e negação das identidades transgêneras. **Revista Dialogia**, São Paulo, n. 32, p. 93-107, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5585/dialogia.N32.13641>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade e cidadania. São Paulo: Loyola, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

THOMAS, David. Old rituals for new space: rites of passage and William Gibson's cultural model of cyberspace. In: BENEDIKT, Michael (ed.). **Cyberspace: the first steps**. Cambridge: M.I.T. Press, 1991.

TRUTH, Sojourner. **“Ain't I a woman?” speech**: a primary source investigation - 1851 [Discurso “Ain't I a woman?” de Sojourner Truth: uma investigação de fonte primária - 1851] (em inglês). The Rosen Publishing Group, 2004. p. 32.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. 244 f. Dissertação (estrado) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2016.

YORK, Sara Wagner. **Tia, você é homem? Trans da/na educação: des(a)fiando e ocupando os “cistemas” de pós-graduação**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/16716>. Acesso em: 18 jan. 2025.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (org.). **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.

NOTA SOBRE A AUTORIA

Os autores participaram de forma igual na elaboração do artigo.

Recebido em: 03/02/2025

Parecer em: 28/03/2025

Aprovado em: 21/05/2025